

**O marxismo de Bukharin nas idéias de Mariátegui e Caio Prado Júnior
São Paulo**

Renata Bastos Da Silva
Universidade De São Paulo

Revolução & Sujeitos¹

A Revolução Russa de 1917 abriu novas perspectivas para o pensamento de vanguarda no mundo, particularmente nas sociedades de capitalismo tardio. A *intelligentzia* russa – Máximo Gorki, Lunacharsky, Nikolai Bukharin, entre outros – exerceu um papel opinativo de divulgação das conquistas da Revolução. O pensamento de vanguarda não deixou de se posicionar aderindo, apoiando, questionando ou combatendo os ventos heterodoxos da modernidade oriundos da Rússia.

Em cada país, a recepção das ideias revolucionárias ocorreu de maneira distinta na medida em que a multiplicidade de suas economias modernizadas conservadoramente viabilizou ou dificultou a organização dos seus intelectuais. Esses intelectuais, predominantemente, foram *outsiders*, o que singularizou suas posições diante da revolução em relação às classes subalternas.

Cubismo, surrealismo, primitivismo, muralismo, futurismo são exemplos de uma tentativa de posicionamento diante das mudanças fundantes do século XX. A movimentação dos intelectuais modernos pretendia inventar o novo numa sociedade que não tinha concluído seu vínculo com o moderno.

A tradição é um peso do passado que irá cobrar desses intelectuais de vanguarda uma opinião sobre o papel do nacional no interior do processo de modernização. A partir daí, podemos falar na existência de vanguardas ao invés de uma única vanguarda modernista.

A diversidade entre as vanguardas modernistas se expressará pelo número de publicações culturais observadas no Brasil e demais países ibero-americanos na época do surgimento da revista *Amauta*. Assim, em nosso continente nasce, em setembro de 1926, uma das mais fecundas revistas de opinião que iria abranger todo significado da frente antifascista e pugnando por uma sociedade democrática; trata-se de *Amauta*².

¹ As reflexões expostas nesse item são derivadas de nosso trabalho SILVA, Renata Bastos da. MARINHO, R. SOUZA, V. G. *Opinião e Revolução. As revistas de Opinião no Brasil e na Ibero-América na Época de Amauta*. In: Simpósio internacional Amauta y su Época. Del 3 al 6 de Setiembre de 1997. Lima – Peru: Librería Editorial “Minerva” – Miraflores. Julio de 1998. p. 415 – 425. E da leitura de, entre outros, SWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas: Polêmica, Manifestos e Textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Iluminas: FAPESP, 1995.

² Cf. TAURO, Alberto. *Amauta y su influencia*. 11ª ed. Lima: Amauta, 1987. Ver também MARINHO, Ricardo. GOMES, Vagner. SILVA, Renata Bastos da. *Opinião e Revolução: as revistas de opinião no Brasil e na Ibero-América na época da Amauta*, op. cit.

Esta foi fundada pelo pensador peruano José Carlos Mariátegui na Rua Washington *Izquierda* - em Lima capital do Peru³.

A época da *Amauta* foi o período de nossa história contemporânea em que a relação entre opinião e revolução se revestiu de um interesse inusitado. Foi uma etapa de plenitude intelectual, um momento glorioso da opinião na Ibero-América, em que conviveram os homens no pré, durante, pós, e entre, guerras. O reconhecimento dos regimes políticos do continente, do papel dos intelectuais na vida pública e de como cada um deles lidou com seu respectivo contexto político é um fator explicativo do colapso das oligarquias, resultando num sinalizador importante do peso atribuído a *posteriori* das *Opiniões* e do tema da *Revolução*.

Amauta surge num momento histórico recheado de intervenções dos intelectuais, principalmente contra as oligarquias, e estavam dispostos a unirem-se numa ação comum contra estas. Estes nunca atuaram num papel tão importante na História do continente e nunca a política foi tão importante para eles. Durante a época da *Amauta* a política era *tudo* para muitos deles.

Foi na revista *Amauta* que Mariátegui ordenou e publicou, nos números 17 ao 24 da referida revista, com o título de *Defensa del Marxismo*, os artigos que escreveu, entre julho de 1928 e junho de 1929, para as revistas limenhas *Mundial* e *Variedades*. Mais, adiante iremos tratar de alguns desses escritos.

Existe um pensamento marxista latino-americano?⁴

Certa vez Mariátegui perguntou ¿Existe un pensamiento hispano-americano?⁵, a partir dessa questão Bernardo Ricupero, parafraseando-o começou a refletir sobre o nascimento do pensamento marxista na América Latina. Portanto, distinguiu os pensadores que tentaram compreender a realidade de seus países latino-americanos a partir do marxismo, tendo como paradigma os critérios de interpretação sobre a realidade russa elaborados por Lênin. O revolucionário bolchevique, como todos sabem, versou o marxismo para interpretar e influir nos rumos de seu país. Nesta perspectiva escreve Ricupero:

Mas Caio Prado Jr., em condições bem mais adversas do que Mariátegui, também se aventurou a criar um marxismo original no Brasil. (...) É possível, assim, considerar que Mariátegui e Caio Prado Jr., aos quais se pode acrescentar o italiano Gramsci, foram pensadores que, a partir de suas respectivas realidades nacionais, procuraram fazer uma obra comparável à empreendida por Lênin e seus camaradas, de "russificar" o marxismo.

Concordamos com Ricupero em suas observações, no entanto, vamos tirar maiores conseqüências disso. Ou seja, nos perguntamos, para prosseguir na investigação, se Mariátegui e Caio Prado Jr. mobilizam o marxismo para intervir, interpretar e reinventar a sua respectiva realidade, peruana e brasileira, quais pensadores

³ Rua Washington Esquerda era onde se localizava a casa de Mariátegui que hoje foi transformada em uma fundação aberta ao público, nesse local mantêm-se a maioria das obras desse pensador peruano, além de fotos e outros objetos.

⁴ Nossas reflexões nesse ponto derivam de nossa leitura de RICUPERO, Bernardo. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo*. São Paulo: Departamento de Ciência política da Universidade de São Paulo; FAPESP; Ed. 34, 2000.

⁵ MARIÁTEGUI, J. C. ¿Existe un pensamiento hispano-americano? In: *Temas de nuestra América*. 10ª ed. Lima: Biblioteca Amauta, 1988. pp. 22-26.

marxistas, além de Lênin, encontramos explicitamente na obras desses pensadores? Um decisivo será Bukharin.

Segundo consta Bukharin nasceu em Moscou, era filho de professores do ensino básico. Estudou na Universidade de Moscou, onde também iniciou sua vida política e começou a participar das atividades estudantis, durante a Revolução de 1905. Ingressou no Partido Operário Social-Democrata Russo em 1906, na ala Bolchevique, foi um dos teóricos marxistas mais destacados, além de jornalista e de colaborador próximo de Lênin a partir de 1912. Desde então foi uma das figuras dirigentes dos bolcheviques. Após alguns anos no exílio, regressou em 1917 à Rússia e, durante a Revolução de Outubro daquele ano, organizou o levantamento bolchevique em Moscou, sendo um dos líderes da Revolução. Formulou os princípios da economia Russa após a Revolução. Ocupou importantes cargos políticos no Partido (1917-1934, membro do Comitê Central; 1918-1929, redator-chefe do *Pravda*⁶; 1924-1929, membro do *Politburo* do Partido Comunista; 1926-1929, presidente do Comitê Executivo do *Komintern*). Criador da NEP, a Nova Política Econômica, sendo depois um dos políticos mais influentes na União das Repúblicas Soviéticas. Após a morte de Lênin, de início tomou partido por Stalin contra Trotski, mas a partir de 1928 foi considerado por Stalin como possível rival, razão pela qual foi afastado do poder em 1929. Mais tarde, depois de uma reconciliação formal, recebeu o lugar de redator-chefe do *Izvestia* (1934). No entanto, em 1937 foi preso e um ano mais tarde, em 1938, foi condenado à morte nos processos de Moscou e executado nesse mesmo ano.

Como escrevemos acima, Mariátegui, entre julho de 1928 e junho de 1929, escreveu artigos sobre o marxismo. Em alguns deles cita o marxista Bukharin. Quando trata de *La filosofía moderna y el marxismo*⁷, em sua defesa do marxismo, escreve:

Marx iniciou este tipo de hombre de acción y pensamiento. Pero en los líderes de la revolución rusa aparece, con rasgos más definidos, el ideólogo realizador. Lenin, Trotsky, Bukharin, Lunatcharsky, filosofan en la teoría y la praxis.

Assim nosso pensador peruano qualifica uma das características do marxismo, ou seja, são homens e mulheres de ação e reflexão. Por conseguinte, seguindo em sua defesa do marxismo, Mariátegui cita a apreciação do Ministro Emilio Vandervelde⁸ a respeito dos escritos de Bukharin em comparação com os de Henri de Man⁹:

⁶ *Pravda: (A Verdade)*, diário soviético, órgão central do Partido Comunista cuja origem remonta a 1912. Suspenso com o fim da era soviética, em agosto de 1991, reapareceu em setembro e novamente deixou de circular em março de 1992. Voltou a circular no final de 1993, mais deixou de circular novamente em julho de 1996.

⁷ MARIÁTEGUI, J. C. "La Filosofía Moderna y el Marxismo". In: *Defensa del Marxismo: polemica Revolucionaria*. 13^o ed. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 39 - 47.

⁸ Vandervelde, Emilio (1866-1938): Político socialista belga. Membro do Executivo da Internacional Socialista. Ministro de Estado. Representou a Bélgica na Conferência de Paz de 1925 e subscreveu o Pacto de Locarno. Pacifista, tentou reduzir para 6 meses o serviço militar em seu país. Obra: *Le Marxisme a-t-il fai faillite?*, entre outras.

⁹ Mariátegui refere-se ao livro *Além do Marxismo* de Henri de Man. Henri de Man foi um socialista ativo. Após a 1^a guerra, foi professor de sociologia na Universidade de Washington. Em seguida acompanha *in loco* a República de Weimar onde estudou o desenvolvimento das sociedades modernas. Retornando a Bélgica, assume a Vice-Presidência do Parti Ouvrier Belge (POB, partido dos trabalhadores belgas). Com a morte de Emile Vandervelde em 1938, ocupa a Presidência.

Paralelamente al libro de Henri de Man, Vandervelde examina la *Théorie du Materialisme Historique** de Bukharin. Y su conclusión comparativa es la siguiente: "Si hubiese que caracterizar con una palabra – excesiva por lo demás – las dos obras que acaban de ser analizadas, tal vez se podría decir que Bukharin descarna al marxismo so pretexto de depurarlo, en tanto que de Man lo desosa, le quita su osamenta económica, so capa de idealizarlo". De esta comparación Bukharin sale, sin duda, mucho mejor parado que de Man, aunque todas las simpatías de Vandervelde sean para este último. Basta considerar que la *Théorie du Materialisme Historique* es un manual popular, un libro de divulgación, en el que por fuerza el marxismo debía quedar reducido a un esquema elemental. El marxismo descarnado, esquelético de Bukharin, se mantendría siempre en pie, llenando el oficio didáctico de un catecismo, como esas osamentas de museo que dan una idea de las dimensiones, la estructura y la fisiología de la especie que representan, mientras el marxismo desosado de Henri de Man, incapaz de sostenerse un segundo, está condenado a corromperse y disgregarse, sin dejar un vestigio duradero¹⁰.

Mariátegui ainda volta a recorrer à obra de Bukharin para contrapor a crítica de Henri de Man ao marxismo, pelas palavras do pensador peruano:

En el apéndice ya citado de su libro sobre el materialismo histórico, Bukharin enjuicia así la tendencia dentro de la cual se clasifica de Man: "Según Marx las relaciones de producción son la base material de la sociedad. Sin embargo, en numerosos grupos marxistas (o, más bien, pseudo-marxistas), existe una tendencia irresistible a espiritualizar esta base material. Los progresos de la escuela y del método psicológico en la sociología burguesa no podían dejar de "contaminar" los medios marxistas y semi-marxistas. Este fenómeno marchaba a la par con la influencia creciente de la filosofía académica idealista. Se pusieron a rehacer la construcción de Marx, introduciendo en su base material la base psicológica "ideal", la escuela austríaca (Bohm-Bwark), L. Word y tutti quanti*. En este menester, la iniciativa volvió al austro-marxismo, teóricamente, en decadencia. Se comenzó a tratar la base material en el espíritu del Pickwick Club**. La economía, el modo de producción, pasaron a categoría inferior a la de las reacciones psíquicas. El cimiento sólido de lo material desapareció del edificio social"¹¹.

Deste modo, Mariátegui recorreu as idéias de Bukharin em sua coluna, posteriormente intitulada *Defensa del Marxismo*. Mais adiante nosso pensador peruano publica no periódico, *Varietades*, em 29 de setembro de 1928 seu exame sobre a sucessão presidencial americana. Nesse novamente volta às idéias de Bukharin:

Para esta elección, el partido republicano ha buscado un jefe en el mundo de los negocios. En un artículo del "Magazin of Wall Street" enjuiciando las cualidades de los principales candidatos como hombres de negocios, se consigna la siguiente apreciación sobre Hoover, oportunamente remarcada por Bukharin en un discurso en la III Internacional: "No es exagerado decir que él (Hoover) se considera y es realmente dirigente del mundo de negocios americanos. No hubo nunca en ninguna parte una

* Teoria do Materialismo Histórico.

¹⁰ MARIÁTEGUI, J. C. "El Libro de Emile Vandervelde". In: *Defensa del Marxismo: polemica Revolucionaria*. 13º ed. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 95 – 99. Os negritos são do autor.

* Todo lo demás. [Nota e negrito do autor].

** Famoso clube de seguidores de Pickwick, personaje de la novela de Charles Dickens, de mismo nombre. [Nota e negrito do autor].

¹¹ MARIÁTEGUI, J. C. "El Idealismo Materialista". In: *Defensa del Marxismo: polemica Revolucionaria*. 13º ed. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 101 – 109.

institución tan estrechamente ligada al mundo de los negocios como el departamento de Hoover... El respeta al gran capital y admira a los grandes capitalistas. Tiene la opinión de que una sola persona que hace una gran cosa es mejor que una docena de sabios soñadores que hablan de lo que no han intentado nunca hacer y que nunca sabrán hacer. Es incontestable que Hoover presidente, no se semejará a ninguno de sus predecesores. Será un business-president dinámico, en tanto que Coolidge era un business-president estático. Será el primer business-president en oposición a los presidentes políticos que hemos tenido hasta ahora”¹².

Seguindo seu acompanhamento da Cena Contemporânea, em 23 de fevereiro de 1929, sai publicado mais um artigo de Mariátegui em *Variedades*, no qual ele trata do exílio de Trotsky e cita mais uma vez Bukharin:

Pero, hasta este momento, los hechos no dan la razón al trotskismo desde el punto de vista de su aptitud para reemplazar a Stalin en ele poder, con mayor capacidad objetiva de realización del programa marxista. La parte esencial de la plataforma de la oposición trotskista es su parte crítica. Pero en la estimación de los elementos que pueden insidiar la política soviética, ni Stalin ni Bukharin andan muy lejos de suscribir la mayor parte de los conceptos fundamentales de Trotsky y sus adeptos. Las proposiciones, las soluciones trotskistas no tienen, en cambio, la misma solidez. En la mayor parte de lo que concierne a la política agraria e industrial, a la lucha contra el burocratismo y el espíritu nep, el trotskismo sabe de un radicalismo teórico que no logra condensarse en fórmulas concretas y precisas. En este terreno, Stalin y la mayoría, junto con la responsabilidad de la administración, poseen un sentido más real de las posibilidades¹³.

O marxista Bukharin nos escritos de Caio Prado Júnior

Na década de 1930, Caio Prado Júnior elabora duas obras nas quais os camponeses aparecem exercendo seu papel na formação social e política do Brasil. Nessa época, é quando ocorre também a comparação entre a organização da população rural do Brasil (chamado por Gilberto Freyre de Rússia Americana¹⁴) com a população da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas)¹⁵. Estamos nos referindo a *Evolução Política do Brasil* (1933) e *URSS, Um Novo Mundo* (1934). Esta última é resultado de uma viagem que Caio Prado Júnior fez à URSS naquele período.

Essas leituras de Caio Prado Júnior sobre os camponeses, ou para usarmos suas palavras, a respeito das “camadas inferiores” apresentadas em suas obras juvenis trouxeram em seu bojo suas impressões de um dos líderes da Revolução bolchevique, Nikolai Bukharin. Isso está assinalado por nosso autor em vários momentos de seus registros de viagem. Ao final do capítulo sobre a agricultura escreveu:

Quando o Estado soviético enfrentou a tarefa de liquidar o capitalismo agrário e coletivizar a sua agricultura, as dificuldades pareciam insuperáveis. No próprio seio do partido comunista não faltou quem abertamente o proclamasse. Nisto se confundiram

¹² MARIÁTEGUI, J. C. La Campaña Electoral en los Estados Unidos. In: *Figuras y Aspectos de la Vida Mundial (1926-1928)*. Nº II. 7º. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 231 – 234. [Negritos do autor].

¹³ ____. El Exilio de Trotsky. In: *Figuras y Aspectos de la Vida Mundial (1929-1930)*. Nº III. 6º. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 27 – 31. [Negrito do autor].

¹⁴ Cf. FREYRE, Gilberto. (1992) [1933], *Casa-grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. 28ª ed. Rio de Janeiro, Record.

¹⁵ PRADO JR., Caio. (1935) [1934], *URSS, Um Novo Mundo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 107.

os opositoristas de todos os matizes, desde a esquerda chefiada por Trotski, até os direitistas com Bukharin (um dos maiores teóricos do marxismo) á frente. No entanto, os resultados da política adotada foram os mais satisfatórios possíveis.

Sabe-se que Caio Prado Júnior é o responsável pela tradução em 1934 do livro de Bukharin, intitulado *Tratado de materialismo histórico: manual de sociologia popular marxista*¹⁶. A partir do trecho destacado acima, observamos que a presença de Bukharin na análise de Caio Prado Júnior é anunciado em *URSS, Um Novo Mundo*. Mesmo que nesse livro Caio Prado Junior não tenha procurado discutir pontos doutrinários, mas somente à situação, então, presente naquele contexto da União das Repúblicas Soviética, vista, como já salientamos, através de sua avaliação pessoal e direta. Deste modo, aproximando, em seu estudo, aquela experiência com a do Brasil contemporâneo; seguindo assim a afirmação de Gilberto Freyre de que o Brasil era a Rússia Americana¹⁷. No entanto, ao examinar em *URSS, Um Novo Mundo* nosso pensador apresenta o seguinte argumento:

(...) nenhuma organização social (pelo menos as já de certa forma evoluídas e por isso mesmo complexas) pode dispensar uma direção¹⁸.

Caio Prado Júnior acreditava que havia sido um escritor alemão Robert Michels quem primeiro aventou este argumento¹⁹. Então, para abalizar sua análise Caio Prado Júnior recorreu, de maneira pouco discreta, a Bukharin:

É certo que o perigo assinalado por Michels existe. Bukharin o reconhece no seu livro "Teoria do materialismo histórico" (23), e parece-me que coloca o problema nos seus devidos termos. Referindo-se justamente ao período transitório da ditadura do proletariado (caráter atual do regime soviético) ele escreveu: "A classe operária vence no momento em que não é ainda - e não pode ser - uma massa homogênea. Ela vence numa situação de queda das forças produtivas e insegurança das massas. Por isso uma *tendência* a 'degeneração', isto é a separação duma camada dirigente, como gérmen de classe, aparecerá fatalmente. Mas doutro lado, ela será paralisada por duas tendências opostas: em primeiro lugar o *crescimento das forças produtivas*; depois a supressão do *monopólio da instrução*. A produção em grande escala de técnicos e organizadores em geral, saídos do seio da classe operária, corta pela raiz toda nova classe eventual. O resultado da luta depende unicamente de saber quais destas tendências se mostrarão fortes" ²⁰.

Todavia, essa filiação de nosso autor as idéias de Bukharin vai levá-lo, em nossa opinião, a uma análise juvenil dos fatos concretos que pouco condizem com a realidade. Aqui para explicarmos essa questão recorreremos a Gramsci, que em sua crítica ao ensaio de Bukharin nos diz que:

A crítica que se deve fazer ao *Ensaio popular* é a de ter apresentado a concepção subjetivista tal como ela se manifesta na crítica do senso comum, bem como a de ter

¹⁶ BUKHÁRIN, Nikolai. (1934), *Tratado de Materialismo Histórico: Manual de Sociologia Popular Marxista*. São Paulo, Edição Caramuru.

¹⁷ FREYRE, Gilberto. (1992) [1933], op. cit. Ver os comentários e notas que Caio Prado Júnior fez desta obra de Freyre em . PRADO JÚNIOR, Caio. (1995) [1942], *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense.

¹⁸ PRADO JR., Caio. (1935) [1934], op. cit. p. 234.

¹⁹ MICHELS, Robert. (1919) [1911], *Les Partis Politiques, Essai sur les Tendances Oligarchiques des Democraties*. Paris, Flammarion.

(23) Tradução portuguesa, Edições Caramuru, São Paulo, 1933. [Nota do autor].

²⁰ PRADO JR., Caio. (1935) [1934], op. cit. p. 236 e 237. (Os itálicos são do autor).

acolhido a concepção da realidade objetiva do mundo exterior em sua forma mais trivial e acrítica, sem nem sequer suspeitar que pode mover contra ela a objeção de misticismo, como ocorreu de fato²¹.

Ou seja, em nossa apreciação, seguindo as reflexões de Gramsci, no ensaio de Bukharin a questão da "realidade objetiva do mundo exterior" está mal colocada e conduzida. Consequentemente, nota-se a flagrante distância entre ciência e vida, pois, se partiu de uma análise "racional" da realidade e não usou a fórmula dialética. Bukharin acreditava que se poderia progredir numa investigação científica aplicando-lhe um método típico, escolhido porque deu bons resultados em outra investigação ao qual estava relacionado, para Gramsci isso é um equívoco estranho que nada tem em comum com a ciência, pois, essa se constituiria numa análise simplista. Na qual Caio Prado Júnior iria se filiar em sua juventude. Pelas palavras de Gramsci:

Na realidade, é possível prever "cientificamente" apenas a luta, mas não os momentos concretos dela, que não podem deixar de ser resultados de forças contrastantes em contínuo movimento, sempre irreduzíveis a quantidades fixas, já que nelas a quantidade transforma-se continuamente em qualidade. Na realidade, pode-se "prever" na medida em que se aplica um esforço voluntário e, desta forma, contribui-se concretamente para criar o resultado "previsto". A previsão revela-se, portanto, não como um ato científico de conhecimento, mas como a expressão abstrata do esforço que se faz, o modo prático de criar uma vontade coletiva²².

Logo, Caio Prado Júnior não poderia prever os momentos de luta, mas como não tem ciência disso, acreditava, via Bukharin, que as "camadas inferiores" irião aderir às mudanças via rupturas na supra-estrutura. Nasce daí sua adesão a Aliança Nacional Libertadora e tudo o que redundou em 1935. Já filiado ao Partido Comunista do Brasil em 1935, Caio Prado Júnior tomou conhecimento das demandas sociais brasileiras reveladas pela Coluna Prestes. Então, pelas palavras de seu companheiro de partido - e futuro deputado federal, eleito em 1945 - Jorge Amado, de quem seria suplente, em seu prefácio escrito para *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*:

Lourenço Moreira Lima foi o Babel ou Furmanof da revolução tenentista. E evoluiu com seu general, com seu herói, com Luiz Carlos Prestes. Vamos encontrá-lo depois, em 1935, sempre ao lado de Prestes, na Aliança Nacional Libertadora. Escrevia então ao seu comandante: "Estou certo de que se entras no Brasil na frente de uma Coluna, esta camarilha cairá com a maior facilidade". Para ele, para o "bacharel-soldado", para o secretário da Coluna, o movimento da Aliança era o justo prolongamento da Grande Marcha²³.

Caio Prado Júnior também concordou com isso, que a "Aliança era o justo prolongamento da Grande Marcha" e tirou todas as conseqüências disso em sua ação nos anos de 1930. Daí o tom duro com os historiadores tradicionais registrado em seu primeiro prefácio a *Evolução Política do Brasil* ²⁴.

Considerações Finais

²¹ GRAMSCI, Antonio. (2001), *Cadernos do cárcere*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. p 133.

²² Ibidem. p. 121-122.

²³ AMADO, Jorge. (1945), O "Bacharel Feroz" (prefácio). In: MOREIRA LIMA, Lourenço. (1945) [1928], *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*. São Paulo, Brasiliense. p. 7-9. Ver também o prefácio de Caio Prado Júnior para a mesma obra na mesma edição.

²⁴ PRADO JÚNIOR., Caio. (1933), *Evolução Política do Brasil: Ensaio de Interpretação Materialista da História Brasileira*. São Paulo, Revista dos Tribunais.

Empreender aqui as recordações dessas figuras de proa do comunismo internacional numa hora aziaga como esta, onde a crise em tudo dramática, colocando vidas e mais vidas na cornucópia do terror do desemprego e da amargura, visa de cara derruir uma "lenda negra" (ou seja, com o objetivo de mostrar seu caráter infundado) que aponta Gramsci e Mariátegui como "carrascos" de Bukharin, isto é, culpado da sua própria "condenação" por Stalin e, por via de consequência, de Caio Prado Júnior. Essa lenda que resiste a morrer, sobretudo porque alimentada por uma publicística tendenciosa, mas que, nos últimos anos, conquistou adeptos até na esquerda. Falamos de lenda, porque até agora nada surgiu de novo, nem mesmo dos famosos arquivos de Moscou, capaz de mudar aquilo que há tempos já se sabia sobre as riquíssimas e fecundas divergências no núcleo daquilo que sempre foi o elemento propulsor do marxismo que é a análise concreta de uma situação concreta.

Mas, por mais séria, e de fato era sim muito séria, a questão da divergência profunda entre Gramsci e Mariátegui com Bukharin em face do seu *ensaio popular*, relativo ao marxismo e aos postulados a respeito da possibilidade-necessidade de edificação do socialismo na Rússia e, posteriormente, URSS, bem como quanto às possibilidade da revolução no Ocidente numa fase de estabilização do capitalismo, nada disso implicava na construção de um *apartheid* desses grandes teóricos e pensadores chegando ao absurdo da eliminação física como acabou por acontecer a Bukharin. Para que não reste dúvida: Mariátegui passa o bastão da crítica a Bukharin, o deixando de pé, para que Caio Prado Júnior pudesse, como quis também Gramsci numa outra oportunidade, apresentar aos seus respectivos públicos a obra desse grande bolchevique, coisa, aliás, que só o brasileiro conseguirá realizar, a despeito de todas as problemáticas envolvidas nesse intento.

Nunca é demais esquecer que nenhum deles, não hesitarão em afirmar o equívoco da linha política de Trotski, linha alternativa àquela proposta pela maioria à qual todos gravitarão, o que também não implicava no desaparecimento e tão só na derrota. Ou seja: a crítica ao grupo dirigente da URSS de não saber administrar as divisões no seu interior de modo político, e não disciplinar seguem sendo ainda hoje exemplar na história das vanguardas.

Assim, o estudo da tradução e publicação que Caio Prado Júnior fez do ensaio popular de Bukharin permanece como uma pesquisa a ser realizada e que aqui tão somente esboçamos algumas entradas necessárias para o corajoso serviço que o marxista brasileiro prestou a história do marxismo americano e internacional.

Bibliografia:

AMAUTA – Revista mensal de doutrina, arte, literatura e polêmica. Números 1 a 32, diretor José Carlos Mariátegui. Lima: Amatua, 1994. (edição em fac-símile).

BUKHÁRIN, Nikolai. (1934), *Tratado de Materialismo Histórico: Manual de Sociologia Popular Marxista*. São Paulo: Edição Caramuru.

_____. *O romance do cárcere*. Rio de Janeiro: Record. 2003.

DICKENS, Charles. *As aventuras do Sr. Pickwick*. São Paulo: Abril Cultural. 1970.

FREYRE, Gilberto. (1992) [1933], *Casa-grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*. 28ª ed. Rio de Janeiro, Record.

GRAMSCI, Antonio. (2001), *Cadernos do cárcere*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (1982) [1936], *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio.

MARIÁTEGUI, J. C. ¿Existe un pensamiento hispano-americano? In: *Temas de nuestra América*. 10ª ed. Lima: Biblioteca Amauta, 1988. p. 22 – 26.

_____. La Filosofía Moderna y el Marxismo. In: *Defensa del Marxismo: polemica Revolucionaria*. 13º ed. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 39 – 47.

_____. El Libro de Emile Vandervelde. In: *Defensa del Marxismo: polemica Revolucionaria*. 13º ed. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 95 – 99.

_____. El Idealismo Materialista. In: *Defensa del Marxismo: polemica Revolucionaria*. 13º ed. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 101 – 109.

_____. La Campaña Electoral em los Estados Unidos. In: *Figuras y Aspectos de la Vida Mundial (1926-1928)*. Nº II. 7º. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 230 – 234.

_____. El Exilio de Trotsky. In: *Figuras y Aspectos de la Vida Mundial (1929-1930)*. Nº II. 6º. Lima: Biblioteca Amauta. 1987. p. 27 – 31.

_____. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. Tradução: Salvador Obiol de Freitas e Caetano Lagrasta. Prefácio de Florestan Fernandes. São Paulo: Alfa & Omega, 1975.

MOREIRA LIMA, Lourenço. (1945) [1928], *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*. São Paulo, Brasiliense.

PRADO JÚNIOR., Caio. (1933), *Evolução Política do Brasil: Ensaio de Interpretação Materialista da História Brasileira*. São Paulo, Revista dos Tribunais.

_____. (1935) [1934], *URSS, Um Novo Mundo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

_____. (1995) [1942], *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense.

RICUPERO, Bernardo. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo*. São Paulo: Departamento de Ciência política da Universidade de São Paulo; FAPESP; Ed. 34, 2000.

SILVA, Renata Bastos da. (1998), *Mariátegui além dos Sete Ensaios*. Dissertação de Mestrado. Franca, Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

SILVA, Renata Bastos da. MARINHO, R. SOUZA, V. G. *Opinião e Revolução. As revistas de Opinião no Brasil e na Ibero-América na Época de Amauta*. In: Simpósio internacional Amauta y su Época. Del 3 al 6 de Setiembre de 1997. Lima – Peru: Librería Editorial “Minerva” – Miraflores. Julio de 1998. p. 415 – 425.

SWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas: Polêmica, Manifestos e Textos críticos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Iluminas: FAPESP, 1995.

TAURO, Alberto. *Amauta y su influencia*. 11ª ed. Lima: Amauta, 1987.